

ANÁLISE CONTRASTIVA DE DICIONÁRIOS COMO MATERIAL DE APOIO PARA O ENSINO DE ONOMATOPEIAS JAPONESAS

Clara Ályyegra Lyra PETTER¹³¹

RESUMO: Na língua japonesa, as onomatopeias são parte essencial da linguagem adulta e culta. No Brasil, porém, os estudantes dessa língua ainda têm muita dificuldade em encontrar materiais que auxiliem seu estudo. Nesse trabalho foram analisados, em níveis micro, médio e macro, dois dicionários de onomatopeias, disponíveis para consulta no setor de língua japonesa do Instituto de Letras da UFRGS. Constatou-se que, devido às suas características estruturais e de conteúdo tão diversas, ambas as obras analisadas são proveitosas para uso de apoio ao ensino, de forma complementar a proficiência dos estudantes.

PALAVRAS-CHAVE: onomatopeia; japonês; material didático; dicionário.

1. Introdução

Tradicionalmente, onomatopeias são a reprodução fonética de quaisquer sons produzidos, como ruídos do cotidiano, barulhos de animais e de eventos da natureza, sons da cidade, instrumentos musicais, entre outros. Em sua **Moderna Gramática Portuguesa**, Bechara (2009, p.74) discorre sobre as onomatopeias dentro da seção de fonética expressiva ou fonoestilística, na qual estão inclusos também as aliterações e vocábulos expressivos. Segundo o autor, são “fonemas com objetivos simbólicos, utilizados para melhor evocar certas representações”, mas limita as onomatopeias à descrição acústica de um objeto pela ação que ele exprime, como o tique taque do relógio e o zunzunar da abelha. É importante atentar para a caracterização como descrição acústica pois sabemos que “onomatopeias são sempre uma aproximação, nunca uma reprodução exata” (PEREIRA, 2001, p.212),

¹³¹ Bacharel em Letras com ênfase em Tradução Português/Japonês pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Instituto de Letras, Porto Alegre, RS, Brasil. (ally.gra@gmail.com)

seja pelos limites da voz humana, seja pela ainda mais limitada representação escrita das línguas e seus fonemas. Em português as onomatopeias podem ser classificadas morfológicamente enquanto vocabulizadas ou não-vocabulizadas, e também em fonéticas – imitação a mais próxima possível do som (“chuá”) – ou fonético-ideológicas, ou seja, a representação do som através de outras palavras de pronúncia similar, como “bem-te-vi”. (PEREIRA, 2001, p.212)

É importante lembrar também da grande variabilidade existente entre as linguagens humanas quando da relação “objeto-vocabulo”, fato que não difere em relação às onomatopeias. Enquanto no português a representação do latido dos cães é “au-au”, no inglês em geral encontramos “woof-woof” e no japonês “wan-wan”, mostrando de maneira simples que um mesmo fenômeno sonoro pode ser percebido de forma diversa em cada idioma, variando assim a sua representação gráfica. (PEREIRA, 2001, p.212)

Apesar de poderem exercer funções potencialmente interessantes, as onomatopeias não são consideradas muito relevantes nas gramáticas das línguas que mais comumente conhecemos. No português, e também no inglês, alguns autores reconhecem o potencial das onomatopeias enquanto formadoras de novas palavras – chamadas em português de palavras onomatopaicas –, como miar (miau), zumbir (zum-zum), cacarejar (có-có), *clicking* (click), *splashing* (splash), *buzzing* (buzz). Afora isso, onomatopeias normalmente são mais usadas como um recurso da oralidade em contextos discursivos informais e, quando usadas em meios escritos, costumam ter uso restrito, aparecendo somente em livros infantis, propagandas, quadrinhos e, por vezes, como figuras de linguagem utilizadas por escritores em textos literários (LUYTEN, 2000; GAUDIOSO, 2001).

Na língua japonesa, entretanto, as onomatopeias possuem amplo uso nos mais diferentes contextos discursivos, com menos restrições do que em línguas como o português e o inglês. São expressões que dão maior fluidez à linguagem e enriquecem de maneira sucinta as informações transmitidas (PEREIRA, 2001, p.212). Gaudioso (2001) cita alguns objetivos do uso das onomatopeias na língua japonesa:

Elas servem para esclarecer o objeto da mensagem perante o interlocutor/leitor; reforçar a imagem contida no texto; oferecer espessura à mensagem, além da visualização, apelando para as sensações tátil, auditiva, visual e odorífica. (p.262)

Em diversos casos, são mais parecidas com o que Bechara (2009, p.74) define na língua portuguesa como vocábulo expressivo, uma expressão que sugere a ideia do que se quer significar através do valor psicológico de seus sons, como por exemplo “romper, tagarelar, tremeluzir, jururu, ziriguidum, borogodó”. É possível compreender, então, que as onomatopeias são um valioso recurso expressivo do japonês, auxiliando o esclarecimento da mensagem junto ao interlocutor, operando como um estímulo sensorial e reforçando o sentido.

Os objetos da presente análise são dois dicionários de onomatopeias do japonês, impressos e ilustrados, disponíveis para consulta para a comunidade no setor de língua japonesa do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Um desses materiais propõe-se a ser um dicionário de onomatopeias bilíngue (japonês-inglês), enquanto o outro é um livro composto por um conjunto de *flashcards* para o ensino e memorização de onomatopeias, com texto predominantemente em japonês, somente com eventuais traduções para o inglês e o chinês. Os materiais escolhidos são alguns dos poucos livros sobre o assunto disponíveis para compra nos mercados brasileiro, americano e europeu, porém, além do critério de disponibilidade, foram escolhidos também pois ambos são voltados ao conhecimento das onomatopeias japonesas de uma forma mais didática e lúdica. Após um breve resumo teórico a respeito das onomatopeias em língua japonesa, seguirá uma compreensão comparativa da organização e estrutura desses materiais enquanto dicionários, para então partir-se à análise das possibilidades de uso desses como apoio ao ensino do tema.

A análise será feita a partir dos níveis de macroestrutura, medi-estrutura e microestrutura, considerados como “componentes canônicos da obra lexicográfica” (FORNARI, 2009) e que garantem a organização, a utilidade e a funcionalidade desse tipo de obra. Pensando

nas obras como elementos de apoio ao ensino de onomatopeias japonesas, é de se compreender que um dicionário para aprendizes deve ter características diferentes de outros tipos de dicionários. Na macroestrutura, essa diferença ocorre em relação à seleção da nominata, que deve ser apropriada ao nível de conhecimento da língua do aluno, e também, talvez em relação à estrutura física do dicionário. Quando pensamos na medioestrutura, essa deve ser elaborada de forma simples e coerente, utilizando remissões que demonstrem o uso comum e real da língua. Finalmente, a microestrutura deve apresentar definições com linguagem adequada para a compreensão do aprendiz da língua estrangeira, em geral com uma redação a mais simples possível.

As traduções do inglês e do japonês presentes no texto são de minha autoria. Adotou-se, em todo o texto, a transliteração fonética, ou romanização, das palavras em japonês obedecendo à norma Hepburn, mais comumente adotada no Ocidente, facilitando a leitura e compreensão dos leitores não proficientes em língua japonesa (WATANABE, SKRZYPCZAK, SNOWDEN, 2003).

2. As onomatopeias na língua japonesa

Kamermans (2010, p.34) ressalta que as onomatopeias são uma das classes de palavras mais difíceis de aprender na língua japonesa, pois carregam consigo nuances de significado muito específicas, cada uma com suas conotações e implicações. O autor afirma também que elas são um recurso essencial para que um discurso soe natural nessa língua. Acrescenta, ainda, que saber escolher a onomatopeia certa para cada momento demonstra um alto nível de proficiência na língua japonesa.

Na língua japonesa, as onomatopeias são comumente formadas pela “reduplicação de palavras bimoraicas (...) ou por uma sequência de duas ou três moras, das quais a última é ocupada por uma mora não plena” (DOI, 2000, p.129), o que faz sentido quando pensamos que a língua japonesa apresenta uma estrutura moraica ao invés de uma estrutura silábica em seu sistema fonético (JOHNSON, 2008,

p.3). Devido ao seu grande uso nessa língua, possuem posições sintáticas mais conhecidas e definidas do que em línguas como o português e o inglês, mas ainda há uma certa dificuldade na identificação da classe gramatical destas expressões. Gomi (2004) as divide em três grupos, apenas a título de organização, de acordo com sua função: advérbio, parte de verbos compostos, ou adjetivo-nominal (tipo de adjetivo da língua japonesa conhecido popularmente como “adjetivo na”). Essas expressões costumam ser divididas, ainda com certas controvérsias na organização, por critérios semânticos, em dois grandes grupos (LUYTEN, 2000, p.6):

a. Palavras que imitam sons: mais aproximadas ao que conhecemos como onomatopeias, são fonomímias (MAKINO, 1989), representando fenômenos físicos sonoros, como sons, ruídos e vozes. Dentro desse grupo encontramos:

- 擬声語 (*Giseigo*): palavras que imitam sons e vozes de seres vivos. Literalmente “palavra que imita a voz”.
- 擬音語 (*Giongo*): palavras que imitam sons e ruídos de seres inanimados. Literalmente “palavra que imita o som”.

b. Palavras que imitam estados: são fenomímias ou psicomímias (MAKINO, 1989), chamadas em português de mimeses. Dentro desse grupo encontramos:

- 擬態語 (*Gitaigo*): Palavras que descrevem situações e condições físicas, representando o estado e o modo das coisas, são expressões situacionais. Literalmente “palavra que imita uma condição”.
- 擬情語 (*Gijōgo*): Palavras que descrevem emoções, sentimentos e condições psicológicas, mimese subjetiva (GAUDIOSO, 2001). Literalmente “palavra que imita uma emoção”.

É comum que *gitaigo* e *giongo* operem exercendo a função de

sintagmas adverbiais (sozinhos ou complementados por outros termos) ou sejam transformados em uma expressão verbal quando postos diretamente junto de um verbo (como *suru*, verbo “fazer”, por exemplo) ou sendo acompanhados de *to* (posposição de citação) seguido por um verbo (KAMERMANS, 2010; MAKINO, 1989), podendo formar sintagmas verbais específicos, como podemos ver nos seguintes exemplos, retirados de DOI (2000, p.129):

A. ふわふわ (fuwafuwa: onomatopeia para “macio, esvoaçante”) + する (suru: verbo “fazer”)

髪がふわふわしている

Kami ga **fuwafuwa** shiteiru.

Os cabelos estão macios e esvoaçantes.

B. どきどき (dokidoki: onomatopeia para “palpitante”) + する (suru: verbo “fazer”)

心臓が興奮でどきどきしていた

Shinzou ga koufun de **dokidoki** shiteita.

Meu coração estava paltitando com emoção.

A língua japonesa possui um número tão grande dessas expressões que elas se tornaram parte essencial da linguagem natural do dia a dia, um fenômeno linguístico que “não pode ser dissociado” dessa língua, se tornando um recurso tão rico que “muito pode ser expresso em poucas palavras, de modo tão sucinto que é difícil encontrar meios alternativos de expressão” (PEREIRA, 2001). O grande uso dessas expressões e a diferença no uso de onomatopeias no português e no inglês em relação ao japonês faz com que, ao traduzir textos do japonês, muitas vezes seja necessário recorrer à omissão desses termos, à explicação da situação ou ao uso de outros recursos textuais (GAUDIOSO, 2001). Makino (1989) acredita que é importante que os estudantes de japonês aprendam as onomatopeias mais comuns desde o início dos seus estudos, pois são parte indispensável do vocabulário de qualquer falante adulto. O autor afirma também que a

aquisição, o uso e a compreensão das onomatopeias japonesas permitem que o estudante aprenda a sensibilidade e a subjetividade da língua e da cultura japonesa em relação aos eventos percebidos.

Tendo em vista a importância dessas palavras para a língua japonesa, torna-se evidente a relevância dos estudos sobre a mesma, sejam eles linguísticos ou lexicográficos, assim como o aprendizado por aqueles que desejam obter proficiência nessa língua. Muito mais poderia ser dito sobre as onomatopeias japonesas, mas esse breve estudo aqui iniciado já introduz para a análise a qual esse trabalho se propõe a desenvolver.

2.1 Dados gerais dos objetos de estudo escolhidos:

A primeira obra escolhida para análise é **Nihongo gitaigo jiten** (日本語擬態語辞典), literalmente “dicionário de gitaigo da língua japonesa”, de autoria de Tarō Gomi (太郎五味), autor e ilustrador de livros infantis que admite, ao longo do prefácio, adorar se expressar com onomatopeias e acha-las essenciais para a cultura japonesa. O livro possui como subtítulo, em inglês, “um dicionário ilustrado de expressões onomatopaicas japonesas”. Em sua capa, a obra apresenta o seguinte sobretítulo: para os falantes de inglês e japonês (英語人と日本語人のための). A edição analisada possui 208 páginas e data de 2004, tendo sido impressa no Japão pela editora Kodansha (講談社), uma das maiores editoras japonesas.

A segunda obra escolhida para análise é **E de manabu giongo gitaigo kaado** (絵で学ぶ擬音語 擬態語カード), de autoria de Kazuyo Tomikawa (和代富川), cujo título pode ser traduzido livremente como: “cartões de giongo e gitaigo para aprender com imagens”, tendo como subtítulo uma tradução em inglês “Japanese Mimetic Words and Onomatopoeia Illustrated Cards”. Em sua capa, a obra apresenta dois sobretítulos com onomatopeias: “lembre facilmente” (rakuraku oboete/らくらく覚えて) e “use mais e mais” (dondon tsukaou/どンドン使おう). A edição usada para esse trabalho é de 1997, impressa no Japão pela editora 3A Corporation (スリーエーネットワ

一ク), que produz diversos materiais didáticos para o ensino de japonês, com 101 páginas numeradas, apesar de essas poderem ser destacadas e usadas como *flashcards*, uma técnica de estudo comumente usada por estudantes japoneses.

3. Macroestrutura

A análise da macroestrutura de dicionários observa as obras em uma perspectiva mais ampla, notando sua estrutura geral de maneira quantitativa e qualitativa, assim como de que maneira ocorre a ordenação das entradas. Observa-se o conjunto total de palavras presentes na nominata do dicionário, assim como seu critério de seleção de acordo com o tipo de dicionário e público-alvo (FORNARI, 2009).

3.1 Macroestrutura quantitativa

Gomi (2004) traz 181 verbetes onomatopaicos, enquanto Tomikawa (1997) apresenta 96 verbetes. A diferença no número de verbetes – quase o dobro – provavelmente deve-se ao caráter estrutural de cada obra, sendo a primeira em formato tradicional de livro enquanto a última se adapta ao uso em *flashcards*.

3.2 Macroestrutura qualitativa e ordenação das entradas

Quanto à estrutura qualitativa, em Tomikawa (1997) cada entrada está presente em um *flashcard*, com os termos e suas respectivas definições de um lado e imagens ilustrativas no verso. A estrutura física em *flashcards* soltos permite uma organização livre da obra por parte do usuário. A obra, porém, organiza as entradas de acordo com agrupamentos lexicais temáticos, dispostos nos seguintes grupos:

- I. Expressões emocionais, jeitos de falar e expressar ações de pessoas (人の気持が表情、話し方、動作に表れる);
- II. Temperamentos, atitudes e estados de pessoas (人の様子)

- 態度 性質);
- III. Ações de pessoas (人の動作);
- IV. Condições físicas e mentais (健康 状態);
- V. Estados do corpo (体の状態);
- VI. Estados de coisas (物の状態);
- VII. Fenômenos naturais (自然現象);
- VIII. Movimentos de coisas (物の動き);
- IX. Cheiros (におう);
- X. Estímulos (刺激する).

Essa organização de caráter onomasiológico pode ser bem-vinda quando consideramos as características dos verbetes apresentados nestes dicionários e, em especial, as dificuldades de aprendizado apresentadas. Sobre isso, Babini (2006) argumenta:

Os dicionários ideológicos e os analógicos foram concebidos para resolverem as dificuldades que o usuário enfrenta ao consultar um dicionário tradicional. De fato, neste as entradas são classificadas em ordem alfabética e é possível encontrar os "significados" das palavras (as "idéias" que elas representam) partindo de sua forma. Mas apresentam um problema: como encontrar uma palavra quando se conhece apenas sua "idéia", seu conceito? (p.40)

Já Gomi (2004) apresenta uma obra de caráter semasiológico, mais tradicional, mas organiza suas entradas de acordo com a ordem alfabética japonesa, que difere da ordem ocidental. As vogais seguem a sequência: a, i, u, e, o. Já as moras seguem conforme: a, ka, ga, sa, za, ta, da, na, ha, ba, pa, ma, ya, ra, wa (JOHNSON, 2004). As entradas são mostradas uma a uma em cada página, acompanhadas de imagens ilustrativas para o melhor entendimento das onomatopeias.

3.3 Outras informações

Em ambas as obras não há uma indicação explícita de modo de uso, nem destinada ao aluno, nem ao professor, e nem a um usuário

comum, deixando vago qual seria o uso pretendido de cada uma. Vemos em Tomikawa (1997), entretanto, uma lista bibliográfica no fim da obra referente à sua fonte de consulta. Em Gomi (2004) não há informações sobre suas fontes de consulta ou de *corpus*. Contudo, como material extra, há uma listagem relativamente extensa de onomatopeias na parte final do livro, sendo marcadas com um ponto (●) aquelas em que se apresenta entrada na obra como verbete.

4. Medioestrutura

A medioestrutura se concretiza nas possíveis relações internas entre entradas do dicionário, ou seja, as remissões. Dessa forma, cumpre o papel de relacionar a macro e a microestrutura. É importante que os critérios de organização da medioestrutura sejam bem estabelecidos e mantidos de forma coerente, possibilitando assim que o usuário encontre de forma simples informações úteis (FORNARI, 2009).

As expressões onomatopaicas em Gomi (2004) são classificadas gramaticalmente com uma representação criada pelo autor - [A], [B], [C] - significando advérbio, verbo e adjetivo, respectivamente. A explicação sobre o significado da representação gráfica é explicada na introdução do livro, onde o autor também ensina como essas expressões operam gramaticalmente.

Partindo para Tomikawa (1997), a medioestrutura opera principalmente em relação às variantes, que são listadas em cada *flashcard* e possuem direcionamento para o número do *flashcard* correspondente à variante. Esse aspecto será melhor explicado no item 5.3, quando veremos os desenhos internos dos verbetes.

5. Microestrutura

A análise da microestrutura parte para uma observação mais aprofundada das informações dentro das entradas e de como ocorrem as definições do verbete. Dessa forma observa-se tanto o aspecto formal (como, por exemplo, transcrição fonética, grafia, classe gramatical), quanto o semântico. (FORNARI, 2009).

5.1 Comentário Formal

Em relação ao aspecto formal, ambas as obras possuem a ortografia do termo, romanizada e em japonês, mas também algum tipo de informação gramatical. Em Tomikawa (1997) é possível encontrar, em todas as entradas, variações de escrita, termos variantes e informações gramaticais de uso. Em Gomi (2004) a informação gramatical está restrita à classificação ([A], [B], [C]), localizada logo após o termo, remetendo ao sistema de referências da medioestrutura, remetendo à introdução, onde é descrito o uso gramatical de cada uma das classificações.

5.2 Comentário semântico

Ambas as obras possuem comentário semântico, principalmente tendo em vista que, além da ortografia, essa é uma das maiores problemáticas para uniformização e didatismo dos termos onomatopáicos. O comentário semântico escrito em cada entrada de verbete busca complementação nas ilustrações que as acompanham. As definições apresentadas em ambas as obras são de fácil compreensão, mas exigem o mínimo de sensibilidade e percepção por parte do consultante. É claro também que o significado de cada termo variará muito de leitor para leitor, visto que a interpretação de uma onomatopeia apresenta muita subjetividade.

Em Tomikawa (1997) a definição é dada, em geral, por uma frase explicativa sobre o termo, em japonês, e duas traduções equivalentes em inglês e em chinês. Em Gomi (2004) são abertas duas entradas para cada termo – uma em inglês e outra em japonês – seguidas respectivamente por uma ou mais frases explicativas do significado e, por vezes na entrada em língua inglesa, há ocorrência de palavras sinônimas ao termo nessa língua. Um ponto bem interessante de notar em Tomikawa (1997) é a exposição de expressões que podem ser confundidas. O autor as coloca no mesmo *flashcard* e mostra as diferenças partindo do exemplo ilustrado e dos seus usos. Como era de

se esperar, tendo em vista a grande possibilidade criativa desses termos, as obras não possuem informações etimológicas dos mesmos.

5.3 Esquema do desenho interno dos verbetes

Em Gomi (2004), o desenho interno dos verbetes – que pode ser visto nas Figuras 1, 2 e 5 – se configura de acordo com a sequência abaixo:

- I. < Imagem >;
- II. Termo romanizado, seguido da classificação [A][B][C], que identifica a classificação morfológica;
- III. Definição semântica em inglês, podendo ser composta de ①, ②, ③ ou ④ definições diferentes (conforme pode ser visto na Figura 1);
- IV. Variante do vocabulário japonês (de forma romanizada e antecedida por ☆) que pode ser um adjetivo, um verbo, um substantivo, etc (como vê-se no exemplo da Figura 2);
- V. Termo em japonês;
- VI. Definição semântica em japonês equivalente à em inglês;
- VII. Variante em japonês (☆).

Já em Tomikawa (1997), o esquema da entrada do verbete – que pode ser visto nas Figuras 3, 4 e 6 – segue a seguinte lógica:

- I. (Verso): < Imagem ilustrativa >;
- II. (Frente):
 - i. Classificação do termo de acordo com o grupo temático apresentado no índice (em japonês);
 - ii. < Imagem ilustrativa minimizada >;
 - iii. Termo em japonês;
 - iv. Gramática auxiliar utilizada mais comumente, muitas vezes um verbo, como nas Figuras 3 (“fazer” / する) e 4 (posição *to/と*, seguido de algum verbo);
 - v. Significado (意味) em língua japonesa, seguido de tradução aproximada em inglês e em chinês;

- vi. Uso (用法), ou seja, todos os auxiliares gramaticais mais comuns utilizados junto à expressão, apresentados de forma esquemática;
- vii. Uma ou duas frases de exemplo (例文), seguido de tradução aproximada para inglês e para o chinês.
- viii. Informações sobre possíveis variantes do termo, podendo ser seguidos do símbolo “⇒” com o número de página do *flashcard* correspondente à variante dentro do dicionário, se houver, como é possível ver nas Figuras 4 e 6. As variantes são classificadas como:
 - Sinônimo (同類語);
 - Quase-sinônimo (類義語);
 - Homônimo (同音異義語);
 - Antônimo (反意語);
 - Substantivo (名詞);
 - Verbo (動詞);
 - Adjetivo-nominal (ナ形容詞).

5.4 Comparação de entradas do mesmo verbete

Para incrementar a presente análise, vamos comparar as entradas para um mesmo verbete. Escolheu-se uma onomatopeia muito conhecida e comum “dokidoki” (ドキドキ) que expressa tanto a sensação do coração batendo, quanto sentimentos que relacionamos ao coração palpitando, como a ansiedade por exemplo. Claramente, observando as imagens, é possível perceber que cada dicionário escolheu uma acepção diferente do mesmo termo. Gomi (2004), presente na Figura 5, deu ênfase ao rápido palpitar, presente em emoções mais fortes, enquanto Tomikawa (1997), que pode ser visto na Figura 6, segue por uma explicação mais generalista, do simples bater do coração. Apesar de ambas serem válidas, é importante observar que a primeira opção é o uso mais comum desse verbete na linguagem do dia a dia. Essas diferenças poderem parecer sutis, influenciam na compreensão da acepção do termo.

Analisando a facilidade de compreensão do termo, tomando como base um público de alunos de nível básico, acreditamos que as entradas em Gomi (2004) são mais claras, pois trazem o significado em inglês e também em japonês, com ilustrações mais apelativas de acordo com o significado. Diferentemente, Tomikawa (1997) apresenta a maior parte do conteúdo em língua japonesa, com explicações e ilustrações mais abrangentes, destinando, talvez, a obra a um público com um conhecimento mais aprofundado do idioma.

Gomi (2004) apresenta variantes somente em relação a outras classes de palavras – verbos, adjetivos, advérbios correspondentes – enquanto Tomikawa (1997) apresenta uma enorme lista de variantes conforme foi apresentado no item 5.3. Somente Tomikawa (1997) traz exemplos frasais de uso do termo, um ou dois para cada entrada, porém só o primeiro exemplo traz consigo tradução para o inglês e para o chinês, permanecendo o segundo exemplo apenas em japonês. Pode-se considerar, entretanto, que ambos os dicionários trazem exemplos semânticos em suas ilustrações, sendo os exemplos frasais de Tomikawa (1997) sempre correspondentes às suas respectivas ilustrações. No caso específico desse tipo de termo – mais difícil de se explicar objetivamente em palavras – acreditamos que as imagens auxiliam muito a compreensão do mesmo.

A respeito das ilustrações, ambas as obras trazem ilustrações adequadas, conectadas ao significado dos termos. Entretanto, as ilustrações de Gomi (2004) apresentam uma representação mais lúdica, como se contassem uma história alinhada ao sentido do termo. Acreditamos que isso ajude, não apenas na compreensão do termo, como também para a memorização desse.

6. Crítica geral das obras analisadas

Após analisarmos suas características acreditamos que as obras analisadas talvez sejam destinadas a públicos diferentes. Gomi (2004) aparenta ter sido pensada para um público mais iniciante tanto no estudo das onomatopeias em si quanto no estudo da própria língua japonesa. Ao contrário, Tomikawa (1997) parece ter como público

alvo um estudante com maior domínio dessa língua (talvez até mesmo incluindo falantes nativos).

Pensando em pontos positivos e negativos de cada uma, acreditamos que Gomi (2004) possui ilustrações mais interessantes, que brincam com a imaginação do usuário, criam vínculo maior e aumentam a chance de que se crie uma lembrança do que foi visto e estudado. Apesar de ser positivamente mais lúdico do que Tomikawa (1997), poderia ter mais informações sobre cada termo e trazê-los com mais explicações, o que tornaria a obra mais completa.

Tomikawa (1997), por sua vez, tem como pontos positivos o fato de trazer exemplos concretos na língua e suas traduções, além de mais informações gramaticais, o que o torna mais completo do ponto de vista linguístico do ensino. A proposta em *flashcards* tenta trazer o lúdico para o livro e, de fato, possibilita a realização de brincadeiras e jogos com a temática para a sala de aula. A possibilidade de destacar o livro para usá-lo como *flashcards* e a organização do mesmo por temáticas são interessantes, mas, com o uso, tornam a obra confusa e bagunçada, de difícil consulta, caso necessário, e com maior chance de degradação da mesma, pelo manuseio. Considerando o tipo de vocábulo que está sendo acessado, seria positivo se ambas as obras tivessem dois índices, enquanto formas de consulta: um temático e outro alfabético, facilitando o acesso à informação de formas variadas pelo aprendiz.

Analisando um possível uso em sala de aula, Tomikawa (1997) possibilita diversas dinâmicas com os *flashcards*, sejam exercícios para tomar conhecimento e de memorização das onomatopeias, ou com brincadeiras como dividi-las em grupos de alunos e propor atividades a partir disso. Gomi (2004), por ser um objeto mais tradicional, desafia um pouco mais a imaginação do docente para criar atividades diferenciadas, mas, ainda assim, todas as atividades que se poderiam propor com um dicionário tradicional em sala de aula podem ser usadas nesse caso, como atividades textuais e que envolvam busca de palavras.

Uma sugestão interessante para futuros lexicógrafos que pre-

tendam adentrar essa área tão específica de estudo como as onomatopéias japonesas seria criar um dicionário que mesclasse as características apresentadas por estes dois acima apresentados. Ou seja, unir os exemplos frasais e as explicações gramaticais mais enriquecidas de Tomikawa (1997) com as ilustrações lúdicas e a significação objetiva em Gomi (2004).

PETTER, C. A. L. Análise contrastiva de dicionários como material de apoio para o ensino de onomatopéias japonesas. *Mosaico*. São José do Rio Preto, v. 17, n. 1, p. 475-497, 2018.

CONTRASTIVE ANALYSIS OF DICTIONARIES AS SUPPORTING MATERIAL FOR TEACHING JAPANESE ONOMATOPOEIAS

ABSTRACT: In Japanese, onomatopoeias are an essential part of adult and cultured language. In Brazil, however, students of this language still have difficulty finding materials that help their study of this subject. In this paper, we analyzed, through micro-, medium- and macrostructures, two dictionaries of onomatopoeias – available for consultation in the Japanese sector of the Instituto de Letras in UFRGS. Due to their diverse structural and content characteristics, both dictionaries are useful for teaching support, complementing students' proficiency.

KEYWORDS: onomatopoeia; Japanese language; teaching material; dictionary.

Referências bibliográficas

BABINI, Maurizio. Do conceito à palavra: os dicionários onomasiológicos. *Cien. Cult.*, São Paulo, v. 58, n. 2, p. 38-41, jun. 2006. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252006000200015&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 30 de maio de 2018.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. p.73-4

DOI, E. T. As onomatopéias do japonês: reflexões sobre a sua tradução. In: XI ENCONTRO NACIONAL DE PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DE LÍNGUA, LITERATURA E CULTURA JAPONESA, 11, 2000. *Anais...* Brasília: UnB, 2000. p. 129-33.

FORNARI, Michelle Kühn. O tratamento lexicográfico das palavras gramaticais: discussão teórica e análise de verbetes. *Travessias* (UNIOESTE. Online), v. 07, p.

BLUNDI, B. A. S.

167-199, 2009. Disponível em: < <http://e-revista.unioeste.br/index.php/travesias/article/viewFile/3463/2757> >. Acesso em: 9 de junho de 2018.

GAUDIOSO, T. K. Onomatopeia e mimese na língua japonesa. In: XII ENCONTRO NACIONAL DE PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DE LÍNGUA, LITERATURA E CULTURA JAPONESA, 12, 2001. *Anais...* Porto Alegre: UFRGS, 2001. p. 261-66.

GOMI, T. *Nihongo gitaigo jiten*. Tóquio: Kodansha, 2004.

JOHNSON, Y. *Fundamentals of japanese grammar: Comprehensive Acquisition*. Honolulu: University Of Hawaii Press, 2008.

KAMERMANS, M. *An introduction to japanese syntax, grammar and language*. Netherlands: Sijr Publishing, 2005. p.43

LUYTEN, S. M. B. A estética do som: um estudo comparativo das onomatopéias nos quadrinhos ocidentais e japoneses. In: XXIII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 23, 2000. *Anais...* Manaus: Universidade do Amazonas. São Paulo: PORTCOM/INTERCOM, 2000. 18p.

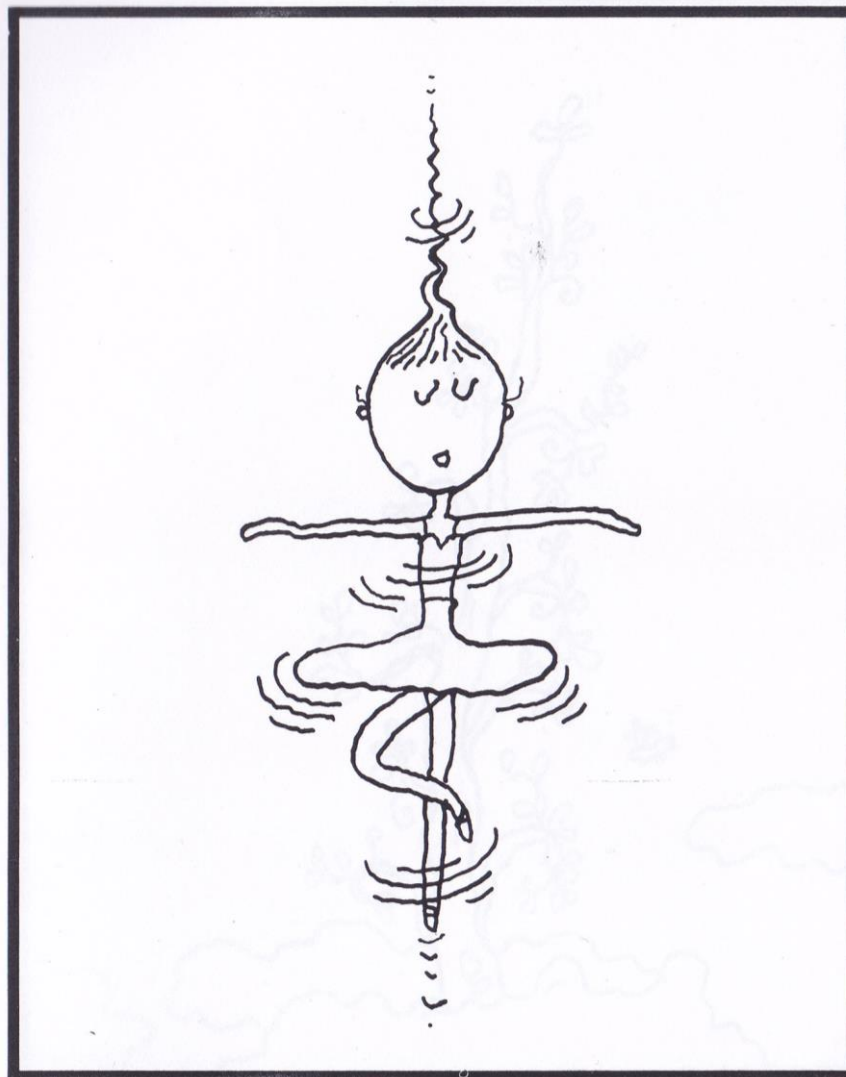
MAKINO, S., TSUTSUI, M. *A dictionary of basic japanese grammar*. Tóquio: The Japan Times. 1989. p.50-6.

PEREIRA, F. P. Pequeno estudo comparado das onomatopéias das línguas portuguesa e japonesa. In: XII ENCONTRO NACIONAL DE PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DE LÍNGUA, LITERATURA E CULTURA JAPONESA, 12, 2001. *Anais...* Porto Alegre: UFRGS, 2001. p. 211-25.

TOMIKAWA, K. *E de manabu giongo gitaigo kaado*. Tóquio: 3A Corporation, 1997.

WATANABE, T., SKRZYPCZAK, E. R., SNOWDEN, P. (Org.). *Kenkyusha's New Japanese-English Dictionary*. 5ed. Tóquio: Kenkyusha, 2003.

FIGURAS



54

kuru kuru [A]

- ① Describes a small object spinning lightly.
- ② Describes quickly winding up a long object, such as string.
- ③ Describes someone who is quick at moving or coming up with ideas.
- ④ Describes a situation in which changes are kaleidoscopic.

くるくる

- ① 連続して軽快に回転する様子。
- ② 長いものを手早く幾重にも巻きつけるさま。
- ③ 動作や頭の回転が早くて活発な様子。
- ④ 変化がめまぐるしいさま。

Figura 3 - Verbete Kuru kuru.¹³²

¹³² Fonte: (GOMI, 2004, p.54)

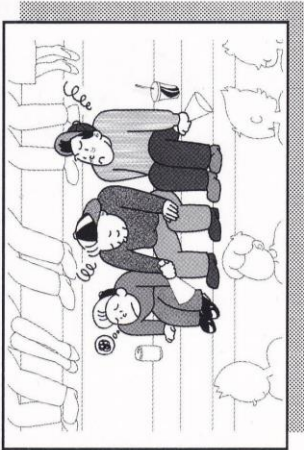


Figura 4 – Verbete Keba keba. ¹³³

¹³³ Fonte: (GOMI, 2004, p.58)

8

1. 人の気持ちが表情、話し方、動作に表れる



しよんぼり ~する

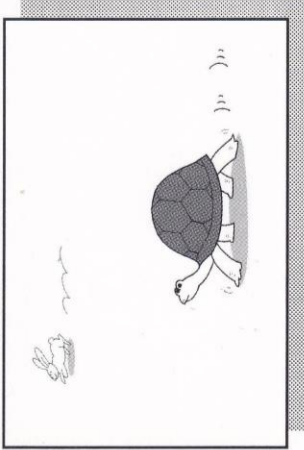
- 意味 うれしくない事があったって元気がなく、寂しそうな様子
to be lonely or dejected
有气无力。垂头丧气。无精打彩的样子
- 用法 ~ (と) V ~したN [様子/顔]
- 例文 1 今日もお気に入りのチームが負けてファンはみんなしよんぼりした様子だ。
The fans look dejected as their favorite baseball team has lost again.
喜欢的球队今天又输了，球迷们全都一副垂头丧气的样子。
- 例文 2 結婚の申し込みを断られしよんぼりして帰り、食事ものどに通らないらしい。
- 同類語 しよぼん
- 動詞 しよぼくれる

Figura 5 - Verbete Shonpori.¹³⁴

¹³⁴ Fonte: (TOMIKAWA, 1997, p.8)

16

II. 人の様子 態度 性質



のろのろ

～(と) V

- 意味 動きが遅く進まない様子
slowly, at a snail's pace
- 遅緩。慢吞吞地
- 用法 ～(と) V ～する
- 例 亀がのろのろと歩く。
The tortoise has a slow gait.
乌龟慢吞吞地爬。
- 同類語 のろり
- 名詞 のろのろ運動
- 大雪のため新幹線はのろのろの運動で、多くの帰省客が影響を受けた。
- 類義語 ぐずぐず⇒20 のそのそ
- 反意語 てきぱき⇒20

Figura 6 - Verbete Noro noro¹³⁵

¹³⁵ Fonte: (TOMIKAWA, 1997, p.16)




Figura 7 - Verbete Doki doki. ¹³⁶

¹³⁶ Fonte: (GOMI, 2004, p. 113)

11

1. 人の気持ちや表情、話し方、動作に表れる



どきどき

～する

- 意味 心臓が打つ音 運動や緊張のために心臓が激しく打つ音、その様子
heart beats, pit-a-pat
(由于运动或紧张而引起的) 心扑通扑通地跳
- 用法 ～する ～(と) V [鳴る/打つ] ～だ
- 例文 1 お腹の赤ちゃんのどきどきという心臓の音が聞こえる。
I could hear my baby's heart beating in my womb.
可以听到腹中胎儿扑通扑通的心跳声。
- 例文 2 めったに会えそうもない外国人の歌手にサインをもらってどきどきした。
- 同類語 どきっ どきり
- 類義語 わくわく⇒10

Figura 8 - Verbete Doki doki.¹³⁷

¹³⁷ Fonte: (TOMIKAWA, 1997, p. 11)